



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES "OSMAR DE AQUINO" – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**LIDIANE VENÂNCIO FERREIRA**

**AS DIFERENTES MÁSCARAS DA MORTE DE EDGAR ALLAN POE E  
NEIL GAIMAN: UMA LEITURA ATEMPORAL DA PERSONIFICAÇÃO DA  
MORTE**

**GUARABIRA  
2018**

**LIDIANE VENÂNCIO FERREIRA**

**AS DIFERENTES MÁSCARAS DA MORTE DE EDGAR ALLAN POE E  
NEIL GAIMAN: UMA LEITURA ATEMPORAL DA PERSONIFICAÇÃO DA  
MORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras inglês da  
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à  
obtenção do título de Graduação em letras  
Habilitação em língua inglesa.

Área de concentração: Literatura comparada  
**Orientador:** Prof. Ms. Auricélio S. Fernandes

**GUARABIRA**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383d Ferreira, Lidiane Venâncio.  
As diferentes máscaras da morte de Edgar Allan Poe e Neil Gaiman: [manuscrito] : uma leitura atemporal da personificação da morte / Lidiane Venancio Ferreira. - 2018.  
33 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes, Departamento de Letras - CH."  
1. Neil Gaiman. 2. Morte. 3. Literatura comparada. 4. Edgar Allan Poe. I. Título

21. ed. CDD 801.95

LIDIANE VENÂNCIO FERREIRA

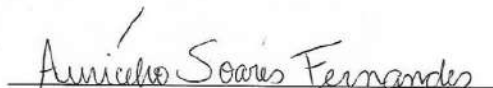
**AS DIFERENTES MÁSCARAS DA MORTE DE EDGAR ALLAN POE E  
NEIL GAIMAN: UMA LEITURA ATEMPORAL DA PERSONIFICAÇÃO DA  
MORTE**

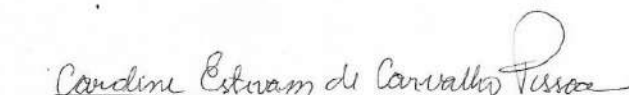
Trabalho de Conclusão de Curso em Letras inglês  
da Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de Graduação em  
letras Habilitação em língua inglesa.  
Área de concentração: Literatura comparada.


**Orientador:** Prof. Ms. Auricélio S. Fernandes

TCC Aprovado em: 30,11,18.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
(UEPB - UEPB)

  
Ma. Caroline Estevam de Carvalho Pessoa (Examinadora I)  
(UEPB)

  
Ma. Isabela Christina do Nascimento Sousa (examinadora II)  
(UEPB)

A minha família e principalmente a minha mãe, Maria Arlete, que sempre me incentivou e que hoje dou a ela esse orgulho, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus e igualmente a minha Família Arlete, Severino, Kelly, Lais, Allan, Allana, Cayo, Alcía e Júlia que sempre foram e serão meu apoio maior e, não deixando de lado, agradeço à Laryssa e Bruno que também fazem parte dessa família enorme e amada.

Agradeço as minhas amigas Juliane Cândido e Rita de Cássia que a mais de 20 anos ao meu lado são as pessoas que mais admiro. Pelos choros e palavras ditas que me fizeram muitas vezes recobrar a consciência e não desistir de algo que estava prestes a jogar para o alto.

Ao meu parceiro, Utaiguara Borges, que foi a pessoa que me deu aquele “puxão de orelha” para que eu seguisse em minha pesquisa, que deu o incentivo que mais precisei nesse tempo e que está sendo meu pilar. Sem ele nesses seis meses de produção do meu TCC, nada estaria feito.

Ao meu orientador, Auricélio, que desde o primeiro dia aula teve uma paciência sem limites com os alunos de minha turma e por ter sido o primeiro professor que passou por nós e encantou cada um e também aos professores como Vilian, Isabela e Caio que igualmente nos aconselharam tão bem durante essa jornada acadêmica.

Ao meu avô, que mesmo velhinho ainda teve a paciência de me deixar na universidade quase todos os dias quando estava sem meio de transporte.

A Minha turma, Giovane, que simplesmente cativou a todos desde o início e nos impressionou com sua inteligência, Ana Paula, a militante, com toda sua simpatia em sala, Tarcísio, o esforçado, e as pessoas a quem todos amam: Paloma, Natália, Luceline, Tamires e Aline, que fizeram esses cinco anos dentro da UEPB serem menos amargos.

A Jailson Pereira, que sempre se esforçou tirando um pouco de seu tempo para ajudar-me sempre que o solicitei.

Por fim, agradeço a todos os amigos como Liliane Maria, Francly Nunes e as pessoas que me apoiaram até aqui, sem vocês nada disso seria possível. Amo vocês e agradeço todo o apoio que vêm me dando.

"A morte chega cedo, pois breve é toda  
vida". Fernando Pessoa

## RESUMO

Na presente monografia abordamos a personificação da morte dentro da literatura, fazendo uma análise historiográfica, comparativa e atemporal entre o conto “a máscara da morte vermelha” de Edgar Allan Poe escrita em (1842) e a personagem “Morte” de Neil Gaiman onde a personagem teve sua primeira aparição em (1989), ou seja, mais de um século de diferença. Primeiro fizemos uma breve discussão sobre como a morte foi vista desde a idade média, como e porque ocorreram mudanças na forma sobre como a morte se configurou na literatura e fazendo relação intersemiótica entre as suas aparições dentro das obras analisadas. Tendo como principais bases teóricas as obras de Ariés (2003) e Chagas (2011), entre outros teóricos que abordam tanto a história da morte para que possamos entender tais mudanças, como os que explicam o modo como vemos ou somos induzidos a assimilar essas mudanças e teóricos como Plaza (2008) e Carvalhal (2007).

**Palavras-chave:** Poe. Gaiman. Morte. Literatura comparada.



## **ABSTRACT**

In this monograph we approach the death's personification within the literature, making a historiographical, comparative and timeless analysis between the tale "the mask of the red death" of Edgar Allan Poe written in 1842 and the character "Death" of Neil Gaiman where character had its first appearance in 1989, that is, more than a century of difference. First we made a brief discussion about how death was seen since the middle ages, how and why changes occurred in how death set itself up in the literature and making an intersemiotic relation between its appearances within the analyzed works. The main theoretical bases are the works of Ariés (2003) and Chagas (2011), among other theorists who approach both the history of death so that we can understand such changes, as those that explain how we see or are induced to assimilate these changes and theorists such as Plaza (2008) and Carvalhal (2007).

**Keywords:** Poe. Gaiman. Death. Comparative literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 A morte conversa com Sexton.....	19
Figura 2 Primeira aparição da Morte na HQ Sandman em 1989.....	21
Figura 3 e 4: A morte vermelha versus Didi.....	25
Figura 4 Didi Elogiada por sua beleza.....	26
Figura 5 A morte sem Máscaras.....	27
Figura 6 A Ironia de Didi.....	27
Figura 7 A morte e a saudade.....	28
Figura 8 Sexton e a saudade de Didi.....	29

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 UM BREVE APONTAMENTO SOBRE A MORTE.....</b>	<b>14</b>
<b>3 POE, O CONTO E A MORTE.....</b>	<b>17</b>
<b>4 DIDI: GAIMAN, OS QUADRINHOS E A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE NOS TEMPOS MODERNOS.....</b>	<b>20</b>
<b>5 A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA EVIDENCIADA NA LITERATURA COMPARADA .....</b>	<b>25</b>
5.1 A MORTE: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE ÉPOCAS DISTINTAS .....	25
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Visando a representação da personificação da morte entre os séculos XIX e o século XXI, notamos que a ideia da morte como algo horrível faz com que suas aparições na literatura sejam representadas de forma grotesca como, por exemplo, a morte vermelha ao fim do conto de Edgar Allan Poe, caracterizada como “não ter uma forma humana tangível” (POE, 2018, p. 98) e que tudo que ela toca é inquestionavelmente dizimado e unanimemente temível.

Em meados do século XIX criou-se um tabu diante da morte que de acordo com Ariés (2003) desde a idade média era vista como uma “morte domada” e hoje se torna sinônimo de temor por não termos necessariamente uma resposta exata sobre o que ela é e então por não se ter esta resposta a associamos com o irreal, o que nos leva a refletir sobre o que Rodrigues (2016, p. 60) aponta: “tudo o que está em nossa proximidade imediata e fora do nosso controle, é germe de insegurança, inquietação e terror: converte-se imediatamente em fonte de perigo”. Assim, só então podemos observar que as maiorias das coisas inanimadas que nos provocam medo acabam se tornando distorcidas ao tentarmos personificá-las.

Em contrapartida nos deparamos com a morte representada na obra de Neil Gaiman, onde a vemos personificada como uma mulher, apaixonada pela vida e que ajuda como pode os humanos que encontra. Assim, notamos as discrepâncias nas formas que vemos ou pensamos sobre a morte, pois a partir do momento que amenizamos as incertezas sobre ela buscamos também uma forma de humanizá-la para que assim possamos ignorar questionamentos profundos sobre sua representação pois “a sociedade atual, cada vez mais tentada a prolongar a vida vai se distanciando da morte, não pensando nela ou procurando esquecê-la” (CAETANO, 2012, p. 27) e, portanto, a forma como vislumbramos a morte se torna diferente da forma como viam nos sec. XIX.

Ao estudarmos o conto de Edgar Allan Poe entraremos num mundo onde a morte é caracterizada principalmente pelo medo provocado por acontecimentos assoladores, nesse caso, o medo causado pela doença e pelo encontro direto com a peste vermelha, enquanto ao estudarmos os quadinhos de Gaiman nos deparamos com a morte mais “humana” e usaremos essas duas representações para exemplificar

as mudanças e diferenças dos personagens em cada época em que foram criados. Dessa forma temos de um lado Poe sendo um dos escritores que mais se destacaram ao abordar o tema da morte em sua obra e de outro Gaiman um escritor contemporâneo que personificou a morte de maneira irreverente e subversiva, no que diz respeito à forma como ela se opõe a ideia de ser extremamente temida.

Por fim, o presente trabalho terá como objetivo fazer uma comparação intersemiótica entre as obras “A máscara da morte vermelha”, um dos contos de Edgar Allan Poe escrito em 1842 e a personagem Morte de Neil Gaiman, que teve sua primeira aparição na revista Sandman em 1989. O período de mais de um século de diferença que separa essas duas obras é o que as tornam propícias para o estudo de comparação, uma vez que vemos e personificamos a morte de acordo com a época em que vivemos, pois a maneira como vemos a morte esta diretamente relacionada com a cultura que adquirimos através do tempo.

Para discutirmos sobre a morte usaremos como base teórica os estudiosos como Philip Áries (2003) e Juarez Chagas (2011) onde vamos discorrer sobre como a morte era e como é vista a partir dos dados historiográficos e abordaremos através disto o modo como a literatura se adapta aos eventos ocorridos ao longo do tempo. Ainda, apresentaremos uma discussão teórica sobre como o tema da morte foi representado desde a Idade Média até a atualidade e discutiremos como os autores, através das diferentes mídias, abordam a morte.

A personificação da morte tem mudado de acordo com a cultura que a sociedade adota através do tempo e ao falar sobre como a história está inserida dentro da literatura e o modo como vemos algo está diretamente ligado a maneira que sentimos ou como somos induzidos a sentir, concluímos que a pesquisa aqui apresentada terá um valor acadêmico distinto não apenas por abordar de um assunto que até hoje é visto como tabu mas também para proporcionar incentivo a futuras pesquisas que se destinarem a análises historiográficas e intersemiótica sobre esse tema.

## 2 UM BREVE APONTAMENTO SOBRE A MORTE

A morte sempre foi um tabu em nossa sociedade tanto pelo fato de nos submeter a perda alguém próximo, quanto pela experiência de estarmos lidando com o desconhecido e, em ambos os casos, o medo é o grande motivo para que exista tal restrição a assuntos relacionados ao macabro, mas podemos afirmar que nem sempre foi assim.

Durante a idade média, segundo Ariés (2017, p.47) “a familiaridade com a morte era uma forma de aceitação da ordem da natureza” logo, ele caracteriza a morte, nessa época, como uma morte “domada” ou “domesticada”, ou seja, como não se pode reverter o acontecimento onde todos estão sujeitos a passar, o mais viável seria aceitar e “abraçar” as leis da natureza.

Com o passar do tempo à morte e a vida ficaram tão unificadas que em algum momento a morte passou a ser erotizada e até desejada, entretanto:

Como o ato sexual, a morte é, a partir de então, cada vez mais acentuadamente considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho monótono, para submetê-lo a um paroxismo e lançá-lo, então, em um mundo irracional violento e cruel (ARIÉS, 2017, p.65).

Observamos que desde a idade média a morte passa por um processo de romantização, o que antes era familiarizada foi se tornando desejada e depois admirada por sua beleza e que temos como exemplo os grandes romances de amor e morte como “Tristão e Isolda” de Joseph Bédier e “Romeo e Julieta” escrito por Shakespeare, quando vemos na literatura a ideia de “morrer por amor” ou chorar pelo amor belo que se foi cedo e quando nos deparamos com a ideia da “morte do outro”.

Então, atenua-se a ideia de que o único meio de sair do sofrimento ou fatos traumatizantes seria o fim da vida “Liberdade de todos os sonhos é a nossa única salvação final” (HUTCHEON, 1999 p. 267) e em consequência, o que era “belo” aos poucos foi se tornando enquitante.

Com o passar do tempo, a tristeza foi dando espaço à negação das perdas, fato facilmente lembrado na era vitoriana quando surgiu a ideia de fotografar os mortos no intuito de preservar sua alma por mais tempo neste mundo e, a partir de então, observamos um certo exagero em relação ao luto.

Esse exagero do luto no século XIX tem um significado: os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro (ARIÉS, 2017, p.71-72).

Então, como o desenvolvimento social do entre os séculos XIII e XIX, capitalismo, revolução industrial, guerras e doenças incuráveis e arrebatadoras, o medo da morte se tornou mais firme não só porque o homem passou a ser “descartável”, mas também se deu início à ideia dele ser obrigado a se tornar útil para sociedade ou ser rejeitado por ela, devido ao contato direto com mortes e corpos em massa em decomposição, em consequência das pestes que assolavam a humanidade daquela época.

A imagem da morte personalizada em cadáver, transformada em forma humana decadente, corriqueira no século XIX, teve algumas de suas primeiras aparições justamente naquelas manifestações iconográficas e literárias batizadas de danças macabras, cujas peças primevas datam do fim da Idade Média [...] O aparecimento das representações do resto mortal em putrefação marcou irremediavelmente o imaginário ocidental. Sua eclosão seria decorrente de uma série de elementos próprios da conjuntura da Baixa Idade Média cristã: a Peste Negra, a guerra dos Cem Anos, grandes fomes, uma maior diversidade de ofícios, graças ao crescimento urbano, a valorização crescente do material em detrimento do espiritual, mudanças em relação ao conceito de morte... esses fatores somados culminariam em produções que juntam, em um mesmo cenário, pessoas e... cadáveres (SCHMITT, 2015, p.27).

Por tanto a ideia de que o corpo se torna tão horripilante quando decomposto expôs uma repugnância sobre a morte tão grande que por um tempo ela passou de admirada a algo sórdido, como aponta Ariés (2017, p. 98): “[...] a morte, pouco a pouco tomava uma outra forma, mais longínqua e, entretanto, mais dramática e mais tensa – a morte às vezes exaltada (a bela morte de Lamartine) e logo contestada (a morte “feia” de Madame Bovary)”, e portanto, a partir dessa inconstância entre o abominável e o belo sobre a morte, na metade do século XIX, a morte passa ser tida como incompreensível, inominável e logo depois, ignorada.

A sociedade ocidental atual, cada vez mais tentada a prolongar a vida, vai se distanciando da morte, não pensando nela ou procurando esquecê-la. [...] Com o distanciamento do homem em relação com morte, cria-se um tabu, como se fosse desaconselhável ou proibido falar sobre esse tema (CAETANO, 2012, p. 27).

Criado o tabu, definimos a falta de diálogos anteriores ao redor desse tema como principal influenciador para obtenção do medo da morte, talvez por associar o medo da morte com o medo do que possa vir depois dela, ou seja, é o medo do que não conhecemos que nos causa a inquietação.

Para algumas pessoas é extremamente inquietante tudo o que se relaciona com morte, como cadáveres e o retorno dos mortos.[...] Dois fatores contribuem para essa imobilidade: a força de nossas reações originais e a incerteza de nosso conhecimento científico (FREUD, 1917-1920, P. 361).

Como as perturbações provocadas pelo desconhecido sempre estiveram presentes e cada vez mais nos deixa angustiados por não encontrar respostas satisfatórias, o ser humano tende a associar sentimentos a coisas ou personificá-los.

O desejo de inventar uma imagem de tudo que se relacionava com a morte deu lugar ao desprezo de todos os aspectos dela que não fossem susceptíveis da direita representação. Assim a mais crua concepção da morte, se fixa continuamente no imaginário coletivo [...] a visão do medo não representa as emoções de ternura e de consolação, e sim a dor pela ausência (CAETANO, 2012, P. 35).

Isso nos leva a discutir sobre nossa primeira obra a ser estudada: “A máscara da morte rubra”, conto do norte-americano Edgar Allan Poe, onde a morte com toda sua sutil presença e coberta de sentimentos temerosos é personificada em decorrência aos fatores relacionados aos acontecimentos o século XIX.



### 3 POE, O CONTO E A MORTE

Como um grande escritor reconhecido pela literatura sombria e melancólica característica do Romantismo, Poe destaca-se na literatura norte-americana por, também, ter sido um crítico literário. Em seu ensaio “Philosophy of composition”, publicado em 1846, o autor discorre sobre como um escritor deve criar suas obras e usa como exemplo seu poema mais conhecido, “The raven” (1845), apontando que:

Nada é mais claro do que todo enredo, digno desse nome, deve ser elaborado até o desfecho antes que qualquer coisa seja tentada com a caneta. É somente com o desfecho constantemente em vista que podemos dar a um enredo seu ar indispensável de consequência, ou causação, fazendo com que os incidentes, e especialmente o tom em todos os pontos, tendam ao desenvolvimento da intenção ( POE, 1846, p. 1-tradução nossa).<sup>1</sup>

Poe então revela que para escrever uma “boa obra” o autor deve, previamente, ter um enredo em mente para que a história possa fluir coesa e coerentemente sem incidentes em seu desenvolvimento e, sabendo disso, observamos em seus contos e poemas como ele fez para que sua obra fosse algo preciso e ao mesmo tempo instigante a cada linha. No mesmo ensaio ele enfatiza:

A consideração inicial era de extensão. Se qualquer obra literária é muito longa para ser lida em uma sessão, devemos nos contentar em dispensar o efeito imensamente importante derivado da unidade de impressão, se duas sessões forem necessárias, os assuntos do mundo interferirem e tudo como totalidade é imediatamente destruído (POE, 1846, p. 2- tradução nossa).<sup>2</sup>

Nesse contexto, Edgar Allan Poe menciona que uma escrita muito longa pode cansar no leitor, logo, apontamos o conto “A máscara da morte vermelha” como um conto curto, objetivo e permeado de detalhes como a presença da própria morte no baile do príncipe Próspero, o que nos leva a refletir sobre os aspectos da morte vermelha, caracterizados por Edgar no decorrer do conto e que remete ao que ele nos relata em seu ensaio sobre como escolheu a morte como um tema predominante em sua obra:

<sup>1</sup>Nothing is more clear than that every plot, worth the name, must be elaborated to its denouement before anything be attempted with the pen. It is only with the denouement constantly in view that we can give a plot its indispensable air of consequence, or causation, by making the incidents, and especially the tone at all points, tend to the development of the intention.

<sup>2</sup> The initial consideration was that of extent. If any literary work is too long to be read at one sitting, we must be content to dispense with the immensely important effect derivable from unity of impression- for, if two sittings be required, the affairs of the world interfere, and everything like totality

"De todos os tópicos melancólicos o que, de acordo com a compreensão universal da humanidade, é a mais melancólica?" Morte, foi a resposta óbvia. "E quando", eu disse, "essa é a mais melancólica das questões mais poéticas?" Pelo que eu já expliquei com alguma extensão, a resposta aqui também é óbvia ( POE, 1846, p. 5- tradução nossa).<sup>3</sup>

E ainda podemos reforçar:

A morte parece impressioná-lo tanto que entra em seu mundo de formas variadas e em muitos deles desempenha um papel notável. Por exemplo, "A Máscara da Morte Vermelha" e "O coração delator", para citar alguns. Olhando para a vasta escrita de Poe, notamos que ele quase não escreve sobre o amor. Morte e terror são os dois tópicos mais favorecidos no trabalho de Poe ( SWARNAKAR, 2007, p. 33).

Tendo em vista sua "inspiração poética" em escrever sobre esse tema e suas experiências com a morte<sup>4</sup>, mesmo que uma obra não possa ser associada, de fato, a vida de quem a escreve, e levamos em conta a época em que o conto "a máscara da morte vermelha" foi escrito, podemos explicar o porquê da presença da morte ser tão assoladora, no que diz respeito a forma como ela aparece: Repentina, silenciosa e incontestável.

Não temos como explicar as mudanças sobre o modo como vemos a morte sem antes fazer um pequeno estudo sobre a Idade Média, período em que os moribundos e familiares faziam dela algo natural e como Ariés (2017) menciona, a morte era domada ou seja "de casa", um fato esperado até o sec. XVI quando começou a ser construído um tabu ao redor da morte.

O medo da morte aparente foi a primeira forma reconhecida e aceitável do medo da morte[...] Do século XVI ao XVIII, imagens eróticas da morte atestam uma ruptura na familiaridade milenar do homem com a morte.[...]o homem não pode mais olhar de frente nem o sol nem a morte (ARIÉS 2007, p. 149).

Como o medo da morte de uma forma repentina estendeu-se até a primeira metade do século XIX, podemos dizer que quando Poe personifica a morte vermelha no seu conto de forma tão abrupta foi decorrente a época e como culturalmente a morte era vista em meados de 1840, quando a narrativa "A máscara da morte

<sup>3</sup> "Of all melancholy topics what, according to the universal understanding of mankind, is the most melancholy?" Death, was the obvious reply. "And when," I said, "is this most melancholy of topics most poetical?" From what I have already explained at some length the answer here also is obvious

<sup>4</sup> Morte de sua esposa, Virginia.

vermelha” foi escrita. Logo, podemos observar no conto como foi o primeiro contato com os personagens:

Estavam densamente apinhados e palpitava febrilmente o coração da vida. [...]muitos foram os indivíduos, em meio a multidão, que puderam certificar-se da presença de um vulto mascarado que até então não havia chamado a atenção de ninguém, tendo-se espalhado, aos cochichos, a notícia dessa nova presença elevou-se imediatamente dentre a turba um burburinho ou murmúrio que exprimia desaprovação e surpresa a princípio e, terror, horror e repugnância (POE, 2017, p. 96).

O modo como ele aborda a morte pode se referir ao modo como ela foi vista durante o tempo, desde a idade medieval onde não chamava atenção, por ser algo tão aceito e dentro da normalidade que se tornou domesticado na sociedade daquela época e que, aos poucos, foi tomando proporções negativas até chegar ao ponto em que a ignoramos tanto que em dado momento, por não saber como lidar com algo tão imprevisível passou a ter medo.

O medo da morte manifestou-se, pela repugnância, primeiro em representar e, depois, em imaginar o morto e seu cadáver.[...] Os mortos começaram a realmente ser motivo de medo, um medo tão profundo que não se exprimia senão por interditos, ou seja, por silêncios ( ARIÉS, 2017, p.149).

Assim, destacamos que o medo descrito por Ariés quando falou sobre uma morte repentina, se refere ao fato de não estarmos preparados para tal acontecimento e quando ele fala do silêncio perante a morte explana a falta de respostas, ou explicações, sobre ela.

#### 4 DIDI: GAIMAN, OS QUADRINHOS E A PERSONIFICAÇÃO DA MORTE NOS TEMPOS MODERNOS

Como apontamos anteriormente, com o tempo vieram mudanças sociais e culturais na humanidade e na segunda metade do século XIX, quando o macabro já havia se tornado tabu; falar sobre a morte tornara-se algo desconfortável, ou seja, o que era “domável” entre a Idade Média passou a ser temido, tido como grotesco inominável e sombrio e, partir daí, entre o fim do século XIX ao século XX, pouco ou nada se falava da morte. No entanto, vale destacar que as mudanças socioculturais são constantes e mesmo que lentas, elas fizeram com que a morte hoje em dia tenha tomado formas menos amedrontadoras.

É importante observar que as representações da morte foram evoluindo ao longo do tempo e estão calcadas no sentimento e imaginário humano, o qual se manifesta ecleticamente, indo do sentido religioso, ao cultural, do social ao científico, do medo à admiração.[...]Mesmo tendo a morte adquirido uma imagem desconhecida, através dos tempos, por causa de sua invisibilidade, o ser humano precisa de visualizá-la e, mais ainda, de contextualizá-la na sua forma ainda que subjetiva, para que melhor possa combater o terror que ela espalha sobre a humanidade, tornando o ser humano eterno escravo do seu medo.(CHAGAS, 2011, p.77-80)

Tendo em vista as palavras de Juarez Chagas (2011), podemos afirmar que mesmo existindo esse tabu ao redor da morte, como o ser humano tende a criar vislumbres de sentimentos não compreendidos para tentar amenizar o medo do desconhecido, a personificação da morte dentro da literatura acabou tomando formas mais atrativas, o que nos leva às características da morte por Neil Gaiman, por exemplo, onde a morte é uma mulher esteticamente bonita, jovem, agradável, engraçada e que ama a vida.

Figura 1 A morte conversa com Sexton



Fonte: GAIMAN, Neil, 2014, p.75

A figura 1 mostra uma cena que a morte se apresenta para o garoto Sexton que aparentemente é um suicida e ao contrário do que possamos imaginar, ela não vem para levá-lo e sim para ajudá-lo mostrando como ele pode amar a vida, assim como ela. Em 1989, Neil Gaiman publicou a 1ª edição de *Sandman*, história em quadrinhos de teor adulto que traz para o gênero a personificação de entidades que guardam o equilíbrio do mundo, são eles: o sonho, o destino, o delírio, o desejo, o desespero, a destruição e a morte, chamados de “os sete perpétuos”. O que mais chama a atenção dentre todos os personagens é o modo como Gaiman retratou cada um, porém, o que vou destacar são as características da morte ou simplesmente “Didi” como é chamada.

Ao falarmos da morte, vislumbramos a tristeza, a dor, a perda e nada disso nos remete a coisas positivas, propriamente ditas. Gaiman, no entanto, apesar de a morte carregar em si um fardo pesado onde poucos gostam de mencioná-la ele a transforma em uma Heroína.

Nós ficamos diante de uma personagem bem-humorada, irônica, impaciente (as vezes) e que gosta tanto dos humanos que faz questão de não parecer arcaica ao ponto de adotar gírias e um estilo bem característico na subcultura gótica cujo o auge foi justamente na década de 1980.

Inspirados pelo Romantismo e com a intenção de se contrapor aos valores da sociedade burguesa, o movimento “ressuscitou” em suas páginas o ambiente da Idade Média. Satanismo, mistério, morte, sonho, loucura e degradação são temas recorrentes nas obras cultuadas pelos góticos (DINIZ. et al, 2006, p.23).

O que Gaiman fez foi, adaptar a sua personagem, utilizando traços sombrios do século XIX, para a contemporaneidade onde ela é bem-vinda apesar de ser sombria e para fazer isso de forma menos impactante ela a trouxe como uma jovem gótica e que para isso o próprio Neil Gaiman em entrevistas disse ter se inspirado em ícones góticos da época para criar alguns personagens<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Neil Gaiman se inspirou na figurinista *Cinamon Hadley* para caracterizar a didi e no cantor Robert Smith, vocalista da banda *the cure*, para criar o Morpheus, ambos personagens da mesma HQ.

Figura 2 Primeira aparição da Morte na HQ Sandman em 1989



Fonte: GAIMAN, Neil, 1991, p.12

Como vemos, ela carrega em sua imagem um aspecto pesado e sombrio, com roupas pretas, pálida e longe dos padrões estéticos do que é considerado “normal”, porém ela não chega a ser temerosa ou causar horror ao leitor. O principal ponto que podemos notar é o colar que ela sempre carrega com o Ankh ou Cruz de ansada:

A cruz de ansada é frequentemente relacionada ao nó de Ísis como símbolo de eternidade[...] Simboliza a essência infinita da energia vital [...] de onde provem toda manifestação da vida [...] A cruz de ansada pode, portanto, ser assimilada à árvore da vida com seu tronco e sua fronde (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p.62).

O que é uma grande ironia, por se tratar da morte, mas levantamos um ponto importante que nos faz refletir sobre o modo como vivemos se até ela pode amar a vida, por que não aproveitarmos todos os momentos até nosso encontro inadiável? O que leva a concluirmos que com o passar dos anos, a morte aos poucos vai deixando, dentro da literatura, o aspecto tão amedrontador do ser inominável ao mesmo tempo em que vai dando espaço a uma jovem e alegre.

Neil Gaiman tenta contrapor o medo que se tem da morte, o terror que esta encerra e todas as tentativas de afastá-la com a figura da Morte dos Perpétuos, a figura atraente e que não desperta nenhum medo. E, pode-se afirmar que, desta forma, a figura da Morte é uma metáfora de Gaiman sobre a tentativa de afastar o medo da morte (DOBRYCHTOP, 2013, p.66).

No entanto, quando observamos o preto em suas vestes notamos que, por mais jovial que ela pareça, suas roupas negras ainda enfatizam o medo que ainda temos da morte e concordando com Guilherme Leger Dobrychtop (2013), quando diz que, mesmo que a morte hoje em dia pareça menos temerosa e por estar, novamente, surgindo a importância ao redor desse tema com mais frequência, ainda existe a necessidade de querer separá-la de coisas relacionadas a vida, ou seja, o que antes era visto como um só, hoje, se torna inegavelmente oposto, pelo “bem-estar” da sociedade.

## 5 A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA EVIDENCIADA NA LITERATURA COMPARADA

Para começarmos as comparações entre o conto “A máscara da morte vermelha”, de Poe e a personagem Morte, de Neil Gaiman, primeiro destacaremos os principais aspectos que definem a adaptação intersemiótica.

A tradução intersemiótica, definida como tradução de um determinado sistema de signos para outro sistema semiótico, tem sua expressão entre os sistemas mais variados. Entre as traduções desse tipo encontra-se a das artes plásticas e visuais para a linguagem verbal e vice-versa (DINIZ, 1993, p. 315).

Ou seja, como estamos falando da morte e sobre como ela foi e é vista temos que ter em mente a ideia de que as características da morte hoje, provem da imagem que tinham dela antes: “Todo pensamento é tradução de outro pensamento para qual ele funciona como intérprete”(PLAZA, 2003, p. 18), e mesmo que agora saibamos que o jeito como configuramos a morte por meio da personificação é consequência, primeiramente, da forma com ela é imposta a sociedade de acordo com tempo e cultura que estamos vivenciando.

Além disso, sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muitos menos, a paródia. Toda repetição esta carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor (CARVALHAL, 2007, P. 53-54).

No nosso caso, vamos mostrar a adaptação, de forma geral, em torno da personificação de morte, ao compararmos a morte descrita por Edgar Allan Poe e a morte caracterizada visualmente por Gaiman e relacioná-las, tal como, apontar as principais influências relativas a cultura e a época na qual foram escritas.

### 5.1 A MORTE: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE ÉPOCAS DISTINTAS

Em primeiro momento, quando falamos do século XIX, falamos da época dos lutos exagerados, não apenas referente ao que nos traz a tona a perda do outro mas a nossa própria morte, o medo de estar só e de não se saber o vem depois, tanto que no conto, “a máscara da morte vermelha”, Edgar Allan Poe traz a tona um elemento importante a alegoria.



Sua ficção se encontra permeada de representações alegóricas imprecisas e não apenas meros símbolos, onde tais alegorias serviriam para reforçar uma suposta ou mesmo várias verdades e a anular uma ficção, uma mentira, uma imaginação, faculdades literárias que ele utilizou em toda sua escrita (FERNANDES; AZERÉDO, 2013, P.549).

E no que diz respeito a sinais, cores e modos o conto por nós estudado é um destaque significativo quando refere-se a questões sobre a vida e morte, pois quando o medo do destino após a morte passa a ser maior por não sabermos lidar ou o que esperar depois disso, acabamos por jogar toda nossa imaginação (de maneira negativa) no modo como caracterizamos o nosso último momento em vida e Poe descarrega esse pavor quando descreve a morte vermelha, conforme as seguintes características:

Era uma figura alta e esquelética, envolta das cabeças aos pés com a mortalha do túmulo. A máscara que lhe ocultava o rosto imitava com tanta perfeição a rigidez do semblante de um cadáver, que até mesmo o melhor dos exames teria tido dificuldade em perceber o engano. E, no entanto, tudo isso deveria ser suportado, se não aprovado, pelos presentes, o mascarado tinha ido longe demais ao fantasiar-se de "morte vermelha". Seu traje estava salpicado de sangue, e a testa ampla, assim como todos os traços de seu rosto, estavam borrifados com horríveis machas escarlates (POE, 2018, p. 96).

Então, a primeira impressão que se tem da morte é como algo não esperado mas que quando notada, se torna assombrosa, um choque e acima de tudo, inquietante. Por outro lado, ao falarmos da morte no fim do XX, quando esta tomou de certa forma mais humanizada no intuito de amenizar os questionamentos sombrios que giram em torno do desconhecido, temos Gaiman, usando o seu personagem Morpheus (sonho), falando de sua irmã mais velha, a Morte.

Hoje a Morte está diante de mim: como o aroma da mirra, como o velejar num dia de brisa agradável[...] hoje a morte está diante de mim com um lar que um homem anseia em rever, depois de muitos anos de cativo[...] perambulo com ela e ouço o delicado bater de poderosas asas (GAIMAN, 2014, p. 31).

A figura cadavérica, cheia de sangue, inesperada e assustadora de Poe deu espaço uma figura calma, que diz respeito a forma como a humanidade, hoje em dia, está buscando abrandar os efeitos da perda ou do desconhecido, mesmo que ainda tenha a consciência de que ela ainda nos assusta, pois, foi a partir do século XX que "os homens comuns tornaram-se mudos, comportando-se como se a morte não existisse" (ARIÈS, 2017, P.211), e a partir disso o comportamento diante da morte vem mudando, o que foi antes amada, depois se tornou temida, ignorada e hoje amenizada, logo, como nosso comportamento muda de acordo com a época e cultura estamos

vivenciando a lenta mudança na forma como personificamos, através da literatura sentimentos não compreendidos.

**Figura 3 e 4: A morte vermelha versus Didi**



Fonte: Google imagens<sup>6</sup> e GAIMAN, Neil, 2014. p. 83

Na literatura, Edgar Allan Poe nos traz as características da morte como um mal súbito. A morte é o medo do que não conhecemos, o horror personificado, é tudo que queremos longe de nós e de quem amamos e, por sua vez, é aquilo que ninguém ousa olhar sem relutância ou temor.

Dado que a dor e o perigo de morte são mais vividamente lembrados que o prazer, e que os nossos sentimentos relativos aos aspectos favoráveis do desconhecido foram de início captados e formalizados pelos ritos religiosos consagrados, coube ao lado mais negro e malfazejo do mistério cósmico figurar de preferência em nosso folclore popular do sobrenatural. Essa tendência é reforçada pelo fato de que incerteza e perigo sempre são estreitamente associados, de forma que o mundo do desconhecido será sempre um mundo de ameaças e funestas possibilidades (LOVECRAFT, 1973, P. 3).

O que Lovecraft nos afirma é que o medo do desconhecido se torna forte justamente por se tratar de uma ameaça que não temos ideia da proporção, logo, o ser humano tende a imaginar o perigo, talvez, no intuito de não ser pego de surpresa, porém, essa tentativa de não se frustrar diante da ameaça desconhecida acaba fazendo com que o medo em si, se torne mais forte do que a situação e Poe, por sua vez, retrata essa situação na forma como caracteriza a morte vermelha.

<sup>6</sup> Disponível em <[https://www.google.com.br/search?q=a+morte+vermelha&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi6ieHlrM3eAhUGFpAKHSR9DeEQ\\_AUIDygC&biw=1892&bih=888#imgrc=T6ngZ2UdDefGNM:>](https://www.google.com.br/search?q=a+morte+vermelha&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi6ieHlrM3eAhUGFpAKHSR9DeEQ_AUIDygC&biw=1892&bih=888#imgrc=T6ngZ2UdDefGNM:>)> Acesso em 11 de nov. de 2018.

[... o mascarado, cuja a figura alta permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, gritaram com um horror inexprimível ao perceberem que as vestes e a máscara cadavérica que haviam agarrado de forma tão violenta e agressiva não continham nenhuma formas humana tangível (POE, 2018, p. 98).

Então, temos algo não material, uma morte não concreta, apenas seu vislumbre, ou seja, o vislumbre do medo, Allan retrata o medo de forma penetrante e perturbadora, no que diz respeito ao modo de nos mostrar que o desconhecido, no caso a morte, não terá formas ou maneiras de abrandá-lo.

No entanto, a personagem de Gaiman, vemos totalmente o oposto:

**Figura 4 Didi Elogiada por sua beleza**



Fonte: GAIMAN, Neil, 2014, p. 93.

A morte de Gaiman é uma garota geralmente enaltecida por sua beleza, sua simpatia e amor à vida tanto que em várias de suas aparições ela simplesmente encanta tanto os personagens com quem ela dialoga, quanto com o leitor que a cada vislumbre se encanta com a forma como ela é representada.

**Figura 5 A morte sem Máscaras**



Fonte: GAIMAN, Neil, 2014, p. 259

Em uma referência direta ao conto “A máscara da morte rubra”, a figura 6 mostra Didi em baile de máscaras, de vestes características da época mas ao invés de provocar medo, ela que tira a própria máscara e vemos que o anfitrião a elogia e mantém em seu semblante a expressão encanto com a bela. Notamos que há uma adaptação e em ambas as imagens mostradas (figura 5 e 6) a morte é enaltecida por ser bela e ao contrário do conto de Poe, onde ao fim todos se vão: “E o relógio de ébano parou de bater com o coração do último dos foliões. E as chamas das lamparinas se apagaram. E a escuridão, a ruína e a morte vermelha estenderam seu domínio sobre tudo. ( POE, 2017, p.98)”, e em que depois disso tudo se esvai, ou seja, onde a morte chega, ninguém sai, temos Didi, a jovem irônica:

**Figura 6 A Ironia de Didi**



Fonte: GAIMAN, Neil, 2014, p. 93.

Na figura 7, observamos que mesmo carregando o figurino pesado, os tons ao redor dela não são frios e a ironia que ela usa ao falar de situações que diz respeito a ela mesma chega a ser cômica. Suas brincadeiras cativam os personagens e em consequência, se cria certo laço e neste caso a presença da Didi na vida do Sexton foi decisiva para a vida dele, pois foi no dia em a conheceu a morte e por causa dela que ele desistiu de se matar.

Contraopondo-se ao que esperamos sobre o ambiente em que um sentimento de luto se encontra, Gaiman traz o calor das pessoas na cidade para os quadrinhos fazendo com que isso amenize o peso sombrio que a morte traz, fazendo, assim, com que nos adaptemos facilmente ao seu jeito icônico e sutil.

**Figura 7 A morte e a saudade**



Fonte: GAIMAN, Neil, 2014, p.259

A forte ironia, que é uma dos atributos mais importante no mundo dos quadrinhos, não poderia deixar de ser notada:

A partir dos discursos latentes e notórios, as histórias em quadrinhos[...] tem a intenção de despir o cotidiano da sociedade, princípios, experiências, lapsos, mazelas e arrogância essencialmente humanas. O discurso é ainda enredado pelo humor e pela ironia, crítico, aparentemente inofensivo, é sustentado pelos acontecimentos e também permite a manifestação de efeitos de sentido que promovem representações necessárias para ver e dizer o mundo (MALISKA; SOUSA, 2014, p. 3).

O que se torna fato ao nos depararmos com o assunto no qual estamos estudando pois, falando de temas macabros a ironia que vemos nos quadrinhos de Gaiman é mais uma forma de nos indagar sobre como nós enfrentamos certos medos e como fazemos para superá-los de forma a mostrar o lado bom de cada situação com que estamos acostumados a entender como o fim.

E como no passar do tempo, a morte está deixando de ser a figura monstruosa que vimos no conto “A máscara da morte vermelha” e dando espaço ao vislumbre do belo, uma vez que Neil Gaiman transforma a morte em uma jovem alegre, deixando as vestes longas e o rosto coberto em outro personagem, o Irmão mais velho da morte, o Destino<sup>7</sup>. Afinal, podemos dizer que hoje em dia não temos tanto medo da morte em si e sim, do destino que tomamos post mortem.

**Figura 8 Sexton e a saudade de Didi**

<sup>7</sup> Ler: Sandman e a história dos sete perpétuos.



Fonte: GAIMAN, Neil, 2014, p.139.

Para finalizar, temos a cena de final de um dos capítulos das histórias da morte de Gaiman, onde além da personagem Didi deixar a saudade em seu amigo, ele comenta sobre como seria satisfatório se a morte não fosse o “nada” ou se a morte fosse realmente como ela, pois assim a vida seria mais fácil e vale destacar que esse amigo, teve sua vida mudada com esse encontro improvável. O garoto se suicida após o encontro com a adorável Morte, acaba achando o valor da vida e decide aproveitá-la como deve, ou seja, viver até que um dia possa se reencontrar com ela, assim afirmamos que a morte ou assuntos relacionados a ela, hoje, ainda que não tão bem-aceitas, vem tomando novos rumos no modo como é tratada.

Sentir o medo no conto de poe e, ao mesmo tempo, poder comparar com a emoção de refletir sobre a vida com a personagem Morte de Gaiman apenas reforçou o que estamos vivenciando no que diz respeito a nossa participação na transição das culturas em geral, não apenas no que diz respeito a assuntos fúnebres mas a assuntos ainda tidos como “difíceis”. Por fim, estudar a morte foi um dos meios para poder observar as mudanças tal como a vemos desde a idade média foi relevante no propósito de esclarecer certas complexidades referentes a assuntos tratados como tabu hoje.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a morte sempre foi algo árduo e para muitas pessoas incômodo. Portanto, nada mais importante do que discutir esse assunto a partir de uma perspectiva diferente, mostrando todos os aspectos no que refere ao modo brando de confrontá-la; seja antes ou agora e como vimos, a morte e as personificações diante dela ou ideia que temos sobre ela, se configura de acordo com o tempo em que a sociedade está vivendo, ou seja, a ideia sobre o modo como enxergamos a morte se torna flexível, e nada mais propício para demonstrar tais mudanças do que usar a literatura em seus diferentes contextos para apontar como elas surgiram, desde Poe a Gaiman.

Para concluir, afirmamos que o modo como enxergamos a morte se torna consequência do modo como vivemos e que, sem dúvida, a fala de diálogo se torna o principal motivo para que ainda separemos esse assunto dos demais. Entretanto, sabemos que mesmo com a demora para voltarmos a ver a morte como algo cotidiano em nossa vida, estamos fazendo parte desse processo lento no que diz respeito a cultura da morte em que, aos poucos, vamos vivenciando as mudanças sobre o modo como vemos a morte que inevitavelmente estão ocorrendo.

Por tanto, ao discorrermos sobre cultura, épocas e como certo assunto é tratado através do tempo, nada mais propício que usar a literatura como meio mais favorável e instigante de demonstrar de forma simples e clara as mudanças e as principais diferenças quando se trata de assuntos em que antes eram corriqueiros e que hoje estamos vivendo o processo de adaptação para abordá-lo.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no ocidente**: Da idade média aos nossos tempos. Tradução de Pricila Viana de Siqueira. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2017.
- CAETANO, Dhiogo José. **O medo da morte na idade média**: uma visão coletiva do ocidente. 1º. ed. Belém-PA: Literacidade, 2012. v. 1. 56 p.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo, Ática, 2006. Série Princípios.
- CAPUTO, Rodrigo Feliciano. **O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer**: um percurso histórico. Saber Acadêmico n º 06, dez. 2008.73-80 p.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 1998.
- DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Tradução Intersemiótica: do texto para a tela**. In: Cadernos de Tradução, v. 1, n. 3 (1998), p. 313-338. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5390/4934>>. Acesso em: 6.Nov.2018.
- DINIZ, Karin, Et al.**Os góticos**: a vida em preto. Eclética, 2006. 23 p. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/6%20%20g%C3%B3ticos,%20a%20vida%20em%20preto.pdf>>. Acesso em: 19. nov. 2018
- DOBRYCHTOP, Guilherme Leger.“**O que você pensaria sobre a vida se a morte fosse sua irmã mais velha?**”: Como A Morte, Angústia E Medo Em Sandman Dialogam Com Os Sentimentos Da Sociedade Americana Da Época (1988-1998). Monografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- FERNANDES, Auricélio Soares; AZERÊDO, Genilda. Os discursos alegóricos da “morte vermelha” em Edgar Allan Poe. 11 ed. Revista Literis, 2013. 549-560 p. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/9153869-Os-discursos-alegoricos-da-morte-vermelha-em-edgar-allan-poe.html>>. Acesso em 17. nov. 2018.
- FREUD, Sigmund. **O inquietante** In FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- GAIMAN, Neil. **Morte**: Edição definitiva. 1 ed. Baurieri, SP: Panini books, 2014.



LOVECRAFT, H.P. O horror sobrenatural na literatura. Ed 1. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora S.A. 1973.

MALISKA, Mauricio Eugênio; SOUZA, Silvana Colares Lúcio de. **Os efeitos de sentido da ironia e do humor**: Uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda. 11 ed. Revista recorte. 2014. Disponível em:< [http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495/pdf\\_27](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495/pdf_27) >. Acesso em:17. nov. 2018

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

POE, Edgar Allan. A máscara da morte vermelha In **O escaravelho de outro e outras histórias/ Edgar Allan Poe**. Tradução de Marta Fagundes, Fátima Pinho. São Paulo: Pandorga, 2018. 91-98 p.

POE, E. A. **Philosophy of composition**. Graham's American Monthly Magazine of Literature and Art, George R. Graham & Co., Philadelphia, XXVIII, 1846. 163–167 p.

GAIMAN, Neil. **Sandman**. Estação das brumas. n. 24. São Paulo, SP: Editora Globo S/A, 1991.

SWARNAKAR, Sudha. **Representation of death in edgar allan poe and emily dickinson**. Bahia: A Cor das Letras – UEFS, n. 8, 2007.

TRINDADE, Alessandra Accorsi. **Percorrendo os caminhos da morte rumo à personificação em As intermitências da morte e Triunfo da morte**. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.